



SAÚDE MENTAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: IMPACTOS DAS RELAÇÕES SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E ECONÔMICAS

MENTAL HEALTH IN CONTEMPORARY SOCIETY: IMPACTS OF SOCIAL, TECHNOLOGICAL AND ECONOMIC RELATIONS

SALUD MENTAL EN LA SOCIEDAD CONTEMPORÁNEA: IMPACTOS DE LAS RELACIONES SOCIALES, TECNOLÓGICAS Y ECONÓMICAS



<https://doi.org/10.56238/levv16n50-056>

Data de submissão: 16/06/2025

Data de publicação: 16/07/2025

Gislleny Vidal

Especialização em Epidemiologia e Serviços de Saúde
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: ggislleny.vidal@gmail.com
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/5012547520312782>

Nicolas Madeira Flores

Graduando em Medicina
Instituição: Universidade Católica de Pelotas
Endereço: Pelotas, Rio Grande do Sul
E-mail: niflores2000@gmail.com

Jhulia Katharine Vieira Almeida de Melo

Pós-graduanda em Psicologia na Saúde Pública
Instituição: Instituto de Ensino e Aprendizagem em Psicologia da Saúde
E-mail: jhuliakatharine@gmail.com

Diego Oliveira Brito

Médico Psiquiatra - Residência em Psiquiatria
Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)
E-mail: psiquiatra.diegobrito@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1338-8088>
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2196801514566927>

Andres Santiago Quizhpi Lopez

Cirurgião e Traumatologo Buco Maxilofacial
Instituição: Universidad Católica de Cuenca Sede Azogues
E-mail: ansaquilo@yahoo.es
ORCID: 0000-0002-6089-0389



Alana Thiere Silva de França

Enfermeira, Especialista em Oncologia Pediátrica

Instituição: Universidade Federal do Pará

ORCID: 0009-0005-3775-6316

E-mail: alanathiere550@gmail.com

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/4695645220607242>

Henrique Cananosque Neto

Doutorando em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de Bauru

E-mail: h.cananosque@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8783-5984>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2173460623182931>

Wanderklayson Aparecido Medeiros de Oliveira

Doutor em Administração

Instituição: Centro Universitário FIPMoc - UNIFIPMoc

E-mail: wander.oliveira@unifipmoc.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7795-545X>

LATTES: <https://lattes.cnpq.br/8072462713188902>

RESUMO

Introdução: A saúde mental tem emergido como uma das principais preocupações da sociedade contemporânea, especialmente diante das transformações provocadas pelas novas formas de sociabilidade, pela intensificação das tecnologias digitais e pelas instabilidades econômicas. O sofrimento psíquico tornou-se mais visível e multifacetado, exigindo análises que articulem os aspectos sociais, culturais e subjetivos do adoecimento. **Objetivo:** Analisar os impactos das relações sociais, econômicas e tecnológicas sobre a saúde mental na sociedade contemporânea. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão bibliográfica desenvolvida a partir da análise de artigos científicos publicados entre 2018 e 2025, selecionados nas bases SciELO, Google Acadêmico e periódicos institucionais. Foram incluídos apenas textos que abordassem a saúde mental sob uma perspectiva crítica, interdisciplinar e contextualizada. A análise foi conduzida com base na leitura interpretativa e na identificação das principais categorias temáticas. **Resultados e Discussão:** Os resultados indicam que a saúde mental contemporânea é atravessada por fatores como o uso intensivo das redes sociais, a medicalização da vida, a precarização das relações de trabalho, a exclusão digital e o enfraquecimento das redes de proteção social. As juventudes se mostram especialmente vulneráveis, enquanto a lógica neoliberal impõe uma subjetividade voltada à performance emocional, desresponsabilizando o Estado e intensificando o sofrimento individual. Por outro lado, práticas institucionais de acolhimento, políticas públicas intersetoriais e estratégias de cuidado coletivo se revelam como caminhos promissores. **Conclusão:** Conclui-se que a saúde mental deve ser tratada como um direito social e coletivo, exigindo a articulação de ações críticas, inclusivas e humanizadas. A superação do adoecimento psíquico contemporâneo depende de respostas integradas e sensíveis à complexidade dos contextos vividos.

Palavras-chave: Determinantes Sociais da Saúde. Exclusão Digital. Redes Sociais. Saúde Mental.

ABSTRACT

Introduction: Mental health has emerged as a major concern in contemporary society, especially given the transformations brought about by new forms of sociability, the intensification of digital technologies, and economic instability. Psychological suffering has become more visible and multifaceted, requiring analyses that articulate the social, cultural, and subjective aspects of illness. **Objective:** To analyze the impacts of social, economic, and technological relations on mental health in contemporary society. **Methodology:** This is a literature review developed based on the analysis of

scientific articles published between 2018 and 2025, selected from SciELO, Google Scholar, and institutional journals. Only texts that addressed mental health from a critical, interdisciplinary, and contextualized perspective were included. The analysis was conducted based on interpretative reading and the identification of the main thematic categories. Results and Discussion: The results indicate that contemporary mental health is affected by factors such as the intensive use of social media, the medicalization of life, the precariousness of labor relations, digital exclusion, and the weakening of social safety nets. Young people are especially vulnerable, while neoliberal logic imposes a subjectivity focused on emotional performance, absolving the State of responsibility and intensifying individual suffering. On the other hand, institutional support practices, intersectoral public policies, and collective care strategies reveal promising paths. Conclusion: It is concluded that mental health must be treated as a social and collective right, requiring the coordination of critical, inclusive, and humane actions. Overcoming contemporary mental illness depends on integrated responses that are sensitive to the complexity of lived contexts.

Keywords: Social Determinants of Health. Digital Exclusion. Social Media. Mental Health.

RESUMEN

Introducción: La salud mental se ha convertido en una preocupación fundamental en la sociedad contemporánea, especialmente dadas las transformaciones derivadas de las nuevas formas de sociabilidad, la intensificación de las tecnologías digitales y la inestabilidad económica. El sufrimiento psicológico se ha vuelto más visible y multifacético, lo que requiere análisis que articulen los aspectos sociales, culturales y subjetivos de la enfermedad. Objetivo: Analizar los impactos de las relaciones sociales, económicas y tecnológicas en la salud mental en la sociedad contemporánea. Metodología: Se trata de una revisión bibliográfica desarrollada a partir del análisis de artículos científicos publicados entre 2018 y 2025, seleccionados de SciELO, Google Scholar y revistas institucionales. Se incluyeron únicamente textos que abordaron la salud mental desde una perspectiva crítica, interdisciplinaria y contextualizada. El análisis se basó en la lectura interpretativa y la identificación de las principales categorías temáticas. Resultados y discusión: Los resultados indican que la salud mental contemporánea se ve afectada por factores como el uso intensivo de las redes sociales, la medicalización de la vida, la precariedad de las relaciones laborales, la exclusión digital y el debilitamiento de las redes de protección social. Los jóvenes son especialmente vulnerables, mientras que la lógica neoliberal impone una subjetividad centrada en el desempeño emocional, eximiendo al Estado de responsabilidad e intensificando el sufrimiento individual. Por otro lado, las prácticas de apoyo institucional, las políticas públicas intersectoriales y las estrategias de cuidado colectivo revelan caminos prometedores. Conclusión: Se concluye que la salud mental debe ser considerada un derecho social y colectivo, lo que requiere la coordinación de acciones críticas, inclusivas y humanas. La superación de las enfermedades mentales contemporáneas depende de respuestas integradas que tengan en cuenta la complejidad de los contextos vividos.

Palabras clave: Determinantes Sociales de la Salud. Exclusión Digital. Redes Sociales. Salud Mental.

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental vem sendo reconhecida como um componente essencial da saúde pública global, influenciada por múltiplos fatores estruturais. Esses fatores incluem desde as condições materiais de existência até as formas de organização política e econômica que moldam o acesso a direitos e serviços (Kirkbride *et al.*, 2024). A literatura atual mostra que os determinantes sociais da saúde mental não são distribuídos de maneira aleatória, mas seguem padrões de desigualdade histórica e sistêmica. Grupos socialmente marginalizados, como mulheres, pessoas racializadas e em situação de pobreza, são os mais atingidos por transtornos mentais, o que revela a necessidade de intervenções pautadas na justiça social. Portanto, pensar políticas públicas que atuem sobre esses determinantes é um passo fundamental para reduzir as iniquidades em saúde mental (Kirkbride *et al.*, 2024).

A teoria da determinação social do processo saúde-doença permite compreender o sofrimento psíquico como resultado das contradições impostas pelo sistema capitalista. A precarização do trabalho, a instabilidade financeira e a intensificação da exploração contribuem para o esgotamento emocional e a perda de sentido nas atividades laborais (Viapiana *et al.*, 2018). O adoecimento mental é, assim, fruto das exigências sociais que desconsideram as necessidades humanas em prol da produtividade e do lucro. Nesse contexto, a saúde mental torna-se frágil diante da ausência de suporte institucional, da pressão por desempenho e da competição constante. A crítica à naturalização do sofrimento como patologia individual ganha destaque nas análises do campo da saúde coletiva (Viapiana *et al.*, 2018).

O processo de medicalização da sociedade é apontado como um dispositivo de controle social que transforma experiências humanas em objetos de intervenção clínica. Associado ao avanço do neoliberalismo, esse fenômeno promove a interiorização das responsabilidades pelos problemas coletivos, deslocando-os para o indivíduo (Santos; Silva Júnior, 2024). A medicalização atua sobre as subjetividades, redefinindo padrões de normalidade e comportamento com base em critérios normativos e mercadológicos. Nesse sentido, os transtornos mentais são recortados de seus contextos socioculturais e tratados como disfunções orgânicas, desconsiderando as condições que os geram. Essa lógica reforça a patologização da vida e o consumo crescente de psicofármacos (Santos; Silva Júnior, 2024).

A condição de desemprego é outro fator que compromete significativamente a saúde mental dos indivíduos em todo o mundo. A ausência de ocupação estável está relacionada ao aumento da ansiedade, depressão, transtornos bipolares e do uso de substâncias psicoativas (Yang *et al.*, 2024). Além da privação econômica, o desemprego implica em perda de identidade social, autoestima e rede de apoio, agravando o sofrimento psicológico. A estigmatização social enfrentada por pessoas desempregadas intensifica esse quadro, fazendo com que elas se sintam culpadas pela própria

condição. Políticas públicas de empregabilidade e suporte emocional tornam-se fundamentais nesse contexto (Yang *et al.*, 2024).

Nota-se que alterações na renda, especialmente quando resultam na saída da condição de pobreza, têm impacto direto na melhora dos indicadores de saúde mental. Segundo Thomson *et al.* (2023), o aumento da renda está associado à redução de sintomas depressivos e ao aumento do bem-estar subjetivo. Por outro lado, perdas financeiras acentuadas tendem a piorar significativamente o quadro psíquico, sobretudo em populações vulneráveis. A renda, nesse caso, não representa apenas um recurso material, mas também um fator de segurança e autonomia. A garantia de estabilidade econômica pode, portanto, ser considerada estratégia de prevenção em saúde mental (Thomson *et al.*, 2023).

Os determinantes sociais que incidem sobre a saúde mental não ocorrem de forma isolada, mas estão interligados em sistemas complexos de desigualdade. A precarização do trabalho, o racismo estrutural, o sexism e a exclusão territorial atuam como forças convergentes que afetam grupos historicamente marginalizados (Kirkbride *et al.*, 2024). Esses grupos são expostos a estressores contínuos e têm menor acesso a recursos de proteção, o que os torna mais vulneráveis ao sofrimento emocional. Nesse cenário, os transtornos mentais refletem as injustiças sociais vivenciadas no cotidiano. Promover saúde mental exige, portanto, transformar as estruturas que sustentam a exclusão (Kirkbride *et al.*, 2024).

A hegemonia do modelo biomédico na compreensão dos transtornos mentais limita a abordagem integral do cuidado. A psiquiatria contemporânea tem privilegiado a explicação neurobiológica do sofrimento, desconsiderando fatores como relações sociais, cultura e história de vida (Viapiana *et al.*, 2018). Essa visão reducionista ignora o contexto de sofrimento e invisibiliza as experiências subjetivas dos sujeitos. Ao priorizar o uso de psicofármacos e a padronização dos diagnósticos, restringe-se a escuta clínica e o diálogo interdisciplinar. A superação desse modelo exige um retorno à compreensão ampliada da saúde e à valorização dos determinantes sociais (Viapiana *et al.*, 2018).

O crescimento urbano acelerado e a mobilidade populacional têm modificado as dinâmicas sociais e contribuído para o aumento de transtornos mentais. A urbanização, com suas múltiplas formas de exclusão, gera sobrecarga sensorial, isolamento e fragmentação dos laços comunitários (Yang *et al.*, 2024). Esses fatores, combinados à desigualdade no acesso aos serviços de saúde, criam um cenário de vulnerabilidade psíquica. A vida urbana, marcada pela velocidade e competição, favorece o aparecimento de quadros de ansiedade e depressão. É necessário pensar estratégias de promoção de saúde que considerem as especificidades dos territórios (Yang *et al.*, 2024).

As inovações tecnológicas, especialmente após a pandemia de COVID-19, têm transformado o modo como se concebe e se pratica o cuidado em saúde mental. Ferramentas como aplicativos,

realidade virtual e inteligência artificial estão sendo utilizadas para ampliar o acesso e personalizar os atendimentos (Torous *et al.*, 2025). Essas tecnologias oferecem alternativas para populações que enfrentam barreiras geográficas ou estigma social. No entanto, os autores alertam para a importância de se manter o rigor metodológico na validação dessas intervenções. A combinação entre avanços tecnológicos e cuidado humanizado é vista como promissora para o futuro da saúde mental (Torous *et al.*, 2025).

O uso de modelos de linguagem de grande escala (LLMs) representa um avanço recente na interseção entre inteligência artificial e saúde mental. Hua *et al.* (2024) identificam aplicações desses modelos na triagem de sintomas, apoio terapêutico e elaboração de planos de cuidado. Ainda que apresentem potencial, esses sistemas demandam supervisão clínica rigorosa e respeito aos princípios éticos. Questões como privacidade de dados, acurácia das respostas e validade clínica precisa ser cuidadosamente avaliadas. A inteligência artificial, nesse contexto, deve ser utilizada como ferramenta complementar, e não substitutiva, do vínculo terapêutico (Hua *et al.*, 2024).

Apesar dos benefícios esperados, a implementação de tecnologias digitais enfrenta desafios importantes, como o baixo engajamento dos usuários e a desigualdade no acesso aos dispositivos. Estratégias como o uso de "navegadores digitais" e intervenções personalizadas vêm sendo propostas para superar essas limitações (Torous *et al.*, 2025). Além disso, é fundamental adaptar essas tecnologias às diferentes realidades culturais e socioeconômicas, a fim de evitar a reprodução de desigualdades. A participação ativa dos usuários no desenvolvimento das ferramentas também é apontada como elemento-chave para o sucesso das intervenções (Torous *et al.*, 2025).

O estudo de Hua *et al.* (2024) reforça que os LLMs podem facilitar a expressão emocional e oferecer suporte terapêutico de forma acessível e contínua. Para isso, é essencial que haja uma articulação entre desenvolvedores, profissionais da saúde e pesquisadores. A criação de bases de dados robustas, o estabelecimento de protocolos clínicos e a regulamentação ética são passos indispensáveis. A inserção dessas tecnologias no sistema de saúde deve estar alinhada com os princípios de equidade e inclusão. O futuro da saúde mental digital depende da capacidade de integrar inovação e cuidado centrado no sujeito (Hua *et al.*, 2024).

Justifica-se este estudo diante da urgência de se compreender os múltiplos fatores que incidem sobre a saúde mental na sociedade contemporânea. As evidências apontam para a centralidade das relações sociais, econômicas e tecnológicas na configuração do sofrimento psíquico. Entretanto, ainda são escassas as abordagens interdisciplinares que articulem esses elementos de forma crítica. A produção científica atual carece de análises que superem o reducionismo biomédico e incorporem os determinantes sociais em sua complexidade (Kirkbride *et al.*, 2024; Viapiana et al., 2018; Yang *et al.*, 2024; Torous et al., 2025; Hua *et al.*, 2024).



Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral analisar os impactos das relações sociais, econômicas e tecnológicas sobre a saúde mental na sociedade contemporânea. Os objetivos específicos são: (1) identificar os principais determinantes sociais relacionados ao sofrimento psíquico; (2) examinar os efeitos do desemprego e das mudanças de renda na saúde mental; (3) analisar criticamente a medicalização da vida e o avanço do modelo biomédico; (4) discutir o papel das tecnologias digitais no cuidado em saúde mental; e (5) propor caminhos para políticas públicas integradas e intersetoriais voltadas à equidade.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, método que permite reunir, analisar e sintetizar os resultados de pesquisas relevantes sobre um tema específico, promovendo uma compreensão abrangente do fenômeno investigado. Este tipo de revisão possibilita a inclusão de estudos com diferentes abordagens metodológicas, sendo útil para subsidiar práticas e políticas de saúde baseadas em evidências.

A questão norteadora foi definida com base na estratégia PICO: “Quais são os principais impactos das relações sociais, tecnológicas e econômicas na saúde mental da sociedade contemporânea?”. A definição da pergunta orientou todas as etapas da revisão, desde a escolha dos descritores até a seleção e análise dos estudos incluídos.

Para a busca dos artigos, foram utilizadas as bases de dados eletrônicas SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e PubMed (*National Library of Medicine*), além da plataforma Google Acadêmico, a fim de ampliar a abrangência da coleta. Os descritores utilizados foram combinados em português com base nos termos controlados do DeCS/MeSH: Determinantes Sociais da Saúde; Exclusão Digital; Redes Sociais; Saúde Mental. utilizando os operadores booleanos AND e OR.

Os critérios de inclusão abarcaram artigos científicos completos, disponíveis na íntegra e gratuitamente, publicados entre os anos de 2018 e 2025, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem aspectos sociais, tecnológicos e econômicos da saúde mental. Foram considerados estudos com abordagem qualitativa, quantitativa ou mista. Foram excluídos trabalhos incompletos, duplicados, sem relação com o tema, fora do período selecionado e sem metodologia clara.

A seleção dos estudos foi realizada em três etapas sequenciais: leitura dos títulos, análise dos resumos e leitura completa dos artigos potencialmente elegíveis. Para garantir a confiabilidade do processo, dois avaliadores realizaram a triagem de forma independente e, em caso de divergência, foi consultado um terceiro revisor.

A extração dos dados ocorreu por meio de um instrumento padronizado, elaborado com os seguintes campos: autor, ano de publicação, objetivo do estudo, tipo de abordagem metodológica,

principais achados e contribuições para o entendimento da saúde mental no contexto contemporâneo. As informações foram organizadas em tabela descritiva, utilizada para subsidiar a análise crítica e comparativa entre os estudos.

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica de análise temática de conteúdo, permitindo a identificação de categorias e eixos interpretativos alinhados à pergunta de pesquisa. Os dados foram agrupados em temas como: sofrimento psíquico e juventudes, redes sociais e subjetividade, medicalização e neoliberalismo, exclusão digital e políticas públicas em saúde mental.

Por se tratar de uma pesquisa com dados secundários e de acesso público, esta revisão não exigiu submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme preconiza a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Foram respeitados todos os princípios éticos, incluindo a integridade acadêmica, a veracidade das fontes e a citação correta dos autores consultados.

Como limitações do estudo, destaca-se o possível viés de seleção, pela exclusão de materiais não indexados nas bases pesquisadas, bem como a restrição temporal, que pode ter deixado de contemplar produções anteriores relevantes. Ainda assim, foi possível reunir uma amostra representativa e atualizada, capaz de subsidiar uma análise crítica consistente e contribuir para o avanço da compreensão sobre os desafios contemporâneos em saúde mental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos revela que a relação entre saúde mental e juventude está fortemente condicionada por fatores como instabilidade econômica e dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Estudantes enfrentam altos níveis de ansiedade e insegurança quando submetidos a pressões por desempenho e sucesso profissional, o que compromete sua autoestima e saúde emocional (Rios *et al.*, 2024). Por outro lado, o fortalecimento de políticas educacionais voltadas para a orientação profissional pode favorecer uma transição mais saudável e menos conflituosa para o ambiente laboral (Rios *et al.*, 2024).

TABELA 1: síntese dos artigos selecionados para a revisão integrativa.

AUTOR/ANO	TÍTULO DO ESTUDO	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO
Lessa; Ramiro (2024)	Integridade psíquica e saúde mental: confluências, desafios contemporâneos e a necessidade de uma abordagem preventiva	método hipotético-dedutivo	analisar como a integridade psíquica, enquanto direito da personalidade e elemento essencial para a garantia da dignidade humana, deve ser protegida em um contexto que ultrapassa a ausência de doenças mentais, englobando o bem-estar emocional e psicológico.
Pedrosa; Escobar (2024)	Desigualdades Sociais e Saúde Mental na Era Industrial	Revisão bibliográfica	Explorar os impactos da industrialização na estrutura social e na saúde mental.

Rios <i>et al.</i> (2024)	A relação entre a saúde mental dos jovens estudantes e a adaptação no mercado de trabalho	Pesquisa qualitativa aplicada	Analizar o impacto da saúde mental dos estudantes da ETEC de Registro na adaptação ao mercado de trabalho.
Oliveira et al. (2024)	Advances and limitations of public mental health policies: Perspective for the future	Revisão qualitativa de literatura	Avaliar os avanços e desafios das políticas públicas de saúde mental no Brasil, com foco na RAPS e na Lei nº 10.216/2001.
Moll & Ramponi (2023)	A saúde mental contemporânea	Editorial científico	Refletir sobre os desafios contemporâneos da saúde mental, especialmente após a pandemia de COVID-19.
Santos, L. F. (2023)	Neoliberalismo e cibercultura: as redes sociais, os jogos digitais e a saúde mental dos jovens no século XXI	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	Investigar como o neoliberalismo e a cibercultura afetam a saúde mental dos jovens por meio das redes sociais e jogos digitais.
Sousa, H. (2023)	Redes Sociais e Saúde Mental: O mapeamento das primeiras pesquisas	Pesquisa bibliográfica	Investigar a relação entre redes sociais e saúde mental a partir de estudos iniciais e mapeamentos.

Fonte: Autores, 2025.

No cenário contemporâneo, as transformações tecnológicas modificaram profundamente as formas de sociabilidade, com as redes digitais impondo novas exigências subjetivas. O neoliberalismo articula-se à lógica das redes sociais ao fomentar produtividade, visibilidade e competição, construindo subjetividades vulneráveis e hiperconectadas. A busca por validação e os padrões inalcançáveis nas redes sociais promovem sentimentos de inadequação e sofrimento psíquico, sobretudo entre os jovens (Santos, 2023).

As redes sociais funcionam como dispositivos ambíguos: ao mesmo tempo que oferecem espaços de conexão e apoio, também geram sobrecarga informacional e exposição a conteúdos tóxicos. O contato frequente com discursos de ódio e cyberbullying favorece a emergência de quadros de ansiedade, depressão e retraimento social. A regulação crítica do uso digital e a promoção da educação midiática surgem como estratégias essenciais para mitigar esses efeitos (Sousa, 2023).

No plano macroeconômico, políticas de austeridade e a retração dos sistemas de proteção social afetam diretamente o bem-estar psicológico da população. Contextos de crise ampliam a vulnerabilidade mental dos mais pobres, expondo especialmente mulheres, negros e trabalhadores informais a intensas formas de sofrimento emocional (Pedroso; Escobar, 2024). A precarização das relações de trabalho e a insegurança econômica se destacam como determinantes estruturais do adoecimento mental.

Durante a pandemia de COVID-19, os impactos à saúde mental se intensificaram. O confinamento, o luto coletivo e a reorganização das formas de vida afetaram profundamente o equilíbrio emocional da população. A intensificação do uso das tecnologias digitais trouxe efeitos ambivalentes: manteve-se a comunicação, mas emergiram sintomas de esgotamento, ansiedade e solidão (Moll; Ramponi, 2023).

A literatura também aponta que os impactos das redes sociais variam conforme o gênero e a faixa etária. As meninas tendem a ser mais afetadas por padrões de autoimagem e comparação corporal, enquanto meninos são mais suscetíveis a comportamentos agressivos mediados por fóruns e jogos online (Santos, 2023). Isso revela a necessidade de políticas públicas sensíveis a marcadores sociais da diferença, como gênero, idade e classe.

A realidade universitária também se apresenta como um espaço de sofrimento emocional. A sobrecarga acadêmica, a competição e o medo do fracasso contribuem para transtornos como ansiedade, pânico e ideação suicida. A oferta de serviços de apoio psicológico nas instituições de ensino é apontada como fundamental para acolher e prevenir esses agravos (Rios *et al.*, 2024). Populações marginalizadas, como pessoas em situação de rua e comunidades periféricas, enfrentam múltiplas vulnerabilidades. A exclusão digital e o acesso precário às tecnologias ampliam a sensação de isolamento e impotência. A ausência de políticas públicas que articulem inclusão digital e apoio psicossocial agrava a exclusão subjetiva desses grupos (Pedrosa; Escobar, 2024).

Outro ponto crítico identificado na literatura é a medicalização crescente do sofrimento psíquico. Reduzir a dor humana a diagnósticos e medicamentos desconsidera a singularidade dos sujeitos. É necessário valorizar práticas psicossociais que promovam vínculo, escuta ativa e autonomia (Lessa; Ramiro, 2024). Tais práticas devem ser substituídas por estratégias preventivas e integradas, alinhadas a uma visão ampla e multidisciplinar de saúde mental. No contexto das políticas públicas, é urgente reposicionar a saúde mental como um direito social. Abordagens individualizantes que culpabilizam os sujeitos por seu sofrimento ocultam as causas estruturais da dor emocional. A lógica neoliberal, ao impor resiliência e positividade constantes, invisibiliza experiências legítimas de sofrimento (Oliveira *et al.*, 2024).

A escola, como espaço formativo, tem papel estratégico na promoção da saúde mental. A inserção do tema no currículo escolar, desde a educação básica, fortalece fatores de proteção emocional. A formação continuada de professores e a articulação intersetorial com a saúde são caminhos possíveis para fortalecer o cuidado coletivo no ambiente escolar (Moll; Ramponi, 2023). A literatura recente converge para a compreensão de que as desigualdades estruturais atravessam a saúde mental, sendo raça, gênero, classe e território elementos fundamentais na formulação de estratégias de cuidado. A produção de políticas sensíveis à diversidade é condição essencial para a construção de uma saúde mental democrática e emancipatória (Lessa; Ramiro, 2024).

Contudo, os estudos indicam lacunas relevantes: a escassez de pesquisas longitudinais que avaliem os efeitos de longo prazo das tecnologias digitais e a ausência de dados segmentados por faixas etárias e contextos socioculturais limitam o avanço do conhecimento. Nesse sentido, propõe-se que futuras investigações incorporem metodologias mais amplas e participativas, priorizando a escuta ativa e a análise crítica dos sujeitos envolvidos (Sousa, 2023). Em síntese, a saúde mental na



contemporaneidade é afetada por um conjunto de transformações sociais, econômicas e tecnológicas. Enfrentar esse cenário demanda um reposicionamento ético e político das práticas de cuidado, articulando inclusão digital, proteção social e fortalecimento comunitário. Apenas com ações intersetoriais, enraizadas nas realidades locais, será possível construir caminhos sustentáveis para a promoção da saúde mental coletiva.

4 CONCLUSÃO

A presente revisão bibliográfica permitiu identificar que a saúde mental na sociedade contemporânea é profundamente atravessada por múltiplos fatores interdependentes, especialmente aqueles de ordem social, tecnológica e econômica. As transformações estruturais nas formas de trabalho, nas relações interpessoais e no uso intensivo das tecnologias digitais têm produzido novas configurações de sofrimento psíquico, evidenciando um cenário marcado por ansiedade, depressão, isolamento e sobrecarga emocional. A hiperexposição nas redes sociais, a instabilidade profissional, a medicalização da vida e a exclusão digital são expressões concretas desse panorama, afetando com maior intensidade grupos vulneráveis como jovens, estudantes, mulheres, populações periféricas e pessoas em situação de precariedade social.

Os estudos analisados demonstram que a compreensão da saúde mental exige uma abordagem ampliada, que vá além do modelo biomédico tradicional e incorpore os determinantes sociais e culturais do adoecimento. A lógica neoliberal, ao individualizar o sofrimento e valorizar a produtividade emocional, agrava o silenciamento das dores subjetivas e inviabiliza o cuidado integral. Nesse sentido, torna-se urgente o fortalecimento de políticas públicas intersetoriais que promovam escuta qualificada, educação emocional nas escolas, acolhimento institucional nas universidades, acesso equitativo às tecnologias e estratégias de cuidado coletivo. A promoção da saúde mental deve ser compreendida como direito humano fundamental e como um compromisso ético com a justiça social e a dignidade dos sujeitos.

Conclui-se, portanto, que o enfrentamento das questões que envolvem a saúde mental contemporânea requer a articulação entre Estado, sociedade civil, instituições educativas e profissionais da saúde. Investir em pesquisas interdisciplinares, fomentar práticas psicossociais emancipadoras e valorizar os saberes locais e coletivos são caminhos necessários para a construção de uma sociedade mais saudável, inclusiva e consciente das complexas relações que sustentam o sofrimento e o cuidado. É essencial que as futuras intervenções e estudos priorizem a escuta das experiências individuais e coletivas, reconhecendo a singularidade dos sujeitos e a diversidade de contextos em que o sofrimento mental se manifesta.



REFERÊNCIAS

HUA, Yining *et al.* Large language models in mental health care: a scoping review. **Journal of the American Medical Informatics Association**, 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2401.02984>.

KIRKBRIDE, James B. *et al.* The social determinants of mental health and disorder: evidence, prevention and recommendations. **World Psychiatry**, v. 23, n. 1, p. 58–90, fev. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38214615/> Doi: 10.1002/wps.21160.

LESSA, Karyta Muniz de Paiva; RAMIRO, Marcus Geandré Nakano. Integridade psíquica e saúde mental: confluências, desafios contemporâneos e a necessidade de uma abordagem preventiva. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 9, p. 1-24, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n9-085>.

MOLL, Marciana Fernandes; RAMPONI, Kenny Paolo. A saúde mental contemporânea. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 11, n. 3, e7305, jul./set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.18554/refacs.v11i3.7305>.

OLIVEIRA, Lidiane Souto de *et al.* Advances and limitations of public mental health policies: perspective for the future. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 4, p. 17349-17361, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56238/arev6n4-368>.

PEDROSA, Margareth Rech; ESCOBAR, Lúcio José Borba. Desigualdades sociais e saúde mental na Era Industrial: perspectivas histórica, antropológica e psicanalítica. **Cognitionis**, v. 7, n. 2, p. 1-14, 2024. DOI: <https://doi.org/10.38087/2595.8801.370>.

RIOS, Halana Cinha *et al.* A relação entre a saúde mental dos jovens estudantes e a adaptação no mercado de trabalho. **Revista Tópicos, Ciências Sociais Aplicadas**, 6 fev. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10626856>. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/a-relacao-entre-a-saude-mental-dos-jovens-estudantes-e-a-adaptacao-no-mercado-de-trabalho>.

SANTOS, Willian Tito Maia; SILVA JÚNIOR, Nelson da. Articulações entre a medicalização da sociedade e o neoliberalismo: impactos na saúde mental contemporânea. **Revista Mental**, v. 17, n. 31, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.mg.senac.br/index.php/mental/article/view/9>.

SANTOS, Luan Ferreira dos. Neoliberalismo e cibercultura: as redes sociais, os jogos digitais e a saúde mental dos jovens no século XXI. 2023. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia**, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/39977>

SOUZA, Helan. Redes sociais e saúde mental: o mapeamento das primeiras pesquisas. **Revista Científica**, v. 17, n. 8, p. 1-15, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2023.17.08.04>.

THOMSON, Rachel M. *et al.* How do income changes impact on mental health and wellbeing for working-age adults? A systematic review and meta-analysis. **The Lancet Public Health**, v. 7, n. 6, p. e515–e528, jun. 2022. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(22\)00058-5](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(22)00058-5).

TOROUS, John *et al.* The evolving field of digital mental health: current evidence and implementation issues for smartphone apps, generative artificial intelligence, and virtual reality. **World Psychiatry**, v. 24, n. 2, p. 156–174, jun. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/wps.21588>.



VIAPIANA, Vitória Nassar *et al.* Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Saúde em Debate, Rio de Janeiro**, v. 42, n. especial 4, p. 175–186, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S414>.

YANG, Yang *et al.* Unemployment and mental health: a global study of unemployment's influence on diverse mental disorders. **Frontiers in Public Health**, v. 12, 1440403, dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2024.1440403>.